

## AGORA TAMBÉM RESTA UMA FOTO QUE O RETRATISTA DEIXOU: MULHERES NEGRAS SOB O OLHAR, A LENTE E O FOCO DE IERÊ FERREIRA.

Sylvia Helena de Carvalho Arcuri<sup>(\*)</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar as fotografias, especialmente os retratos de algumas mulheres negras, fotografadas por Ierê Ferreira e, a partir dessas fotos, estudar a possibilidade da fotografia servir como ferramenta para ativar a memória, não só a memória individual, mas também a coletiva. As personalidades fotografadas são importantes no cenário cultural afro-brasileiro e, junto com outras fotografias de Ferreira, fazem parte do momento de criação da memória futura da preservação da identidade cultural desse grupo. Identidade, memória e representação foram temas que perpassaram todo esse artigo e para abordá-los foram usados textos importantes que apresentam conceitos como o de identidade abordado por Stuart Hall em seu livro *Identidade cultural na pós-modernidade*; os conceitos de memória e representação tratados no livro: *Memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur; os textos, sobre a fotografia, de Susan Sontag do livro *Sobre la Fotografía*, além de textos de Márcio Seligmann-Silva e Siegfried Kracauer.

**Palavras-chave:** Fotografia, memória, cultura, representação, afrodescendentes.

Pensar, questionar, problematizar questões relacionadas à cor da pele e à raça na sociedade brasileira é um desafio, pois o Brasil é uma nação que se diz miscigenada. Pode-se afirmar que, aqui ninguém é branco e nem negro? Que cor, que raça é essa que nos distingue?

Quem somos, o que podemos ser, onde e por onde podemos transitar? A problemática se instaura com mais veemência e percorre os espaços históricos até hoje sem uma definição. Como se reconhecer como parte do todo se a sociedade cobra uma cor? Quando chegará o momento de preencher as lacunas?

Lutas sociais, políticas e econômicas são travadas ao logo do processo de identidade de um povo híbrido. Os negros negligenciados conseguiram avançar e receber de alguma maneira o reconhecimento da nação como o povo que foi maltratado e usado durante a escravidão.

Respeitar e viver as diferenças, ser tolerante é um desafio para humanidade atual. Os integrantes dessa sociedade vivem tão voltados para dentro, olhando para seu próprio eu que se esquecem, não percebem e não concebem a existência do “outro”. Esquecem que são, que possuem

---

<sup>(\*)</sup> Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino, especialista em Relações Étnico raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) e mestranda em Literatura Hispano-americana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



uma identidade porque existe um “outro” que dá a possibilidade da sua existência. Esse “eu” intolerante não percebe que a alteridade é a possibilidade da sua identidade.

Independente da cor da pele, das crenças e do gênero, pensar arte, pensar fotografia como formas artísticas é pensar questões das minorias, que são a maioria neste país. A proposta de Luiz Silva, conhecido como Cuti, é mostrar que:

nasce o *interlocutor negro do texto emitido pelo “eu” negro*, num diálogo que põe na estranheza, na condição de ausente, o leitor “branco”. Afinal, assim como a literatura, a fotografia é uma grande possibilidade de se estar no lugar do outro e aprender-lhe a dimensão humana. (SILVA, 2011).

Incapacidade de conviver com a diferença é discriminação, é preconceito, é ter do outro uma imagem distorcida e errada. Quando se fala do “outro”, fala-se de máscara, do outro rosto, dos excluídos, dos estranhos, dos bárbaros, dos ignorados, dos estigmatizados, dos vulneráveis, dos que estão alijados, daqueles que sofrem algum tipo de violência e preconceito, do medo que esse “outro” causa e do lugar e da posição desse “outro” no mundo.

Segundo Bauman (2005), a identidade “é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado” (p. 84). Portanto, negar o “outro” é negar a si mesmo, o “eu” não se reconhece, deixa de ter cumplicidade e passa a não admitir a sua própria identidade, a querer aniquilar o “outro”, a não o aceitar.

A partir dessas inquietudes, este artigo pensará a memória, a representação, a estética e o belo que aparecem inscritos nas fotografias de mulheres negras que fazem parte do cenário cultural, intelectual, social, político, religioso e anônimo deste país. Fotografias produzidas pelo fotógrafo Ierê Ferreira que se dedica não só a fotografar a mulher negra brasileira, mas também a “africanidade”, o negro(a) com voz, liberto(a) da estética proposta pela sociedade, que se intitula hegemônica da nação. Ferreira faz da identidade e da memória um dever e o objetivo do seu trabalho, da sua obra artística e da sua vida, como ato de libertação de costumes tradicionais do povo afro-brasileiro.

O interesse por este tema surgiu, em um primeiro momento, pelo contato com o trabalho do fotógrafo Ierê Ferreira, que olha as mulheres através de sua câmera com beleza, com ética e estética, além de mostrar no discurso fotográfico que todas essas mulheres fotografadas possuem uma história que vale a pena ser lembrada, contada e eternizada. O interesse ganhou ainda mais força com as aulas do curso da pós-graduação *lato sensu* “Relações Étnico-raciais e a Educação:



uma proposta de (re)Construção do Imaginário Social”. As fotos feitas por Ferreira ratificam e ampliam vários conceitos e diálogos travados com professores e colegas durante o curso.

Por que fotografar mulheres negras que se destacam, exercem um papel importante e representam outras mulheres em vários patamares da nossa sociedade?

Pode-se pensar que esta é uma questão que invade o campo da identidade, mas qual identidade? Poderia ser aquela identidade do sujeito pós-moderno proposta por Stuart Hall (2006) quando afirma que: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. (p. 12).

Além das proposições de identidade e de identidade cultural, pode-se propor uma aproximação das questões relacionadas com a memória. Toda fotografia guarda uma memória, o esquecimento sempre joga a favor do poder, manter viva a memória, através das fotos, serve para que se fortaleçam as ações e os pensamentos propostos pelas pessoas ou pelos acontecimentos que foram fotografados e não deixar cair no esquecimento.

As fotografias das mulheres negras de Ierê Ferreira, além de dialogar com a ideia de identidade cultural (ajuste de formas, atitudes e representações que formam um todo coeso), pensam o lugar da memória no mundo contemporâneo, principalmente a partir da visão de quem preza a estética e a ética na sua profissão. Memória como revisão que aponta o olhar do fotógrafo para onde ele não foi, que pode não provocar revolução, mas quando visto, durante sua exposição, seja revolucionário.

Para Ierê Ferreira, é possível haver uma discussão sobre a estética fotográfica e seu valor. No entanto, no mundo atual, essa discussão perdeu seu fôlego. Este artigo passa por esse aspecto da não aceitação dessa perda, pois Ferreira pensa sua fotografia dentro do conjunto de tensões que a rodeiam na atualidade e tenta refletir sobre o espaço de onde deve surgir uma fotografia válida e ética. Assim, problematiza-se não só o lugar dessa fotografia possível, como também as tensões que ela deve contemplar, já que possibilita outros lugares para as mulheres negras fotografadas.

Servindo como base teórica, foram usado textos de Márcio Selligman-Silva, Siegfried Kracauer, Paul Ricouer e Stuart Hall. Tais textos travaram um diálogo com as fotografias das mulheres negras fotografadas por Ierê Ferreira, a partir de uma abordagem interdisciplinar entre os discursos fotográfico, histórico e teórico, que possibilitará uma leitura e compreensão mais minuciosa do tecido que se forma com esses campos de conhecimento.



## A FOTOGRAFIA: LENDO O FOTÓGRAFO IERÊ FERREIRA

As fotografias são uma interpretação do mundo e, por trás de cada clique, de cada lente, de cada luz, está o olho, a vivência, a personalidade e a história de um fotógrafo que testemunha o seu tempo. Fotografar é apropriar-se do que está sendo fotografado. Significa estabelecer com o mundo uma relação determinada que parece conhecimento e, portanto, poder, adverte Susan Sontag (2006, p. 16).

Para Ierê Ferreira, a fotografia tem várias funções e uma delas é despertar nas pessoas o interesse pela leitura, pois fotografar, segundo ele é “escrever com a luz e quando estamos contando com a luz estamos narrando um fato e a fotografia convida as pessoas a descobrirem o mundo através da imagem”.

O que transmite a fotografia de Ierê Ferreira? Qual é o conteúdo da sua mensagem fotográfica? Não é apenas a mostra do real literal, nas suas fotos, incluindo as apresentadas aqui, não existe uma redução do objeto a sua imagem, muito pelo contrário, existe uma proporção, uma perspectiva e uma cor maior, que ultrapassa o limite da fotografia, do personagem retratado e do ambiente fotografado.

As fotografias de Ferreira deixam de ser redução e passam ao momento de transformação (sociológica, antropológica, artística, identitária, histórica, etc.), as personagens, que fazem parte do *corpus* desse trabalho, transformaram, trabalharam e contribuíram para compreensão da identidade dos afrodescendentes e de um momento histórico. Assim como a fotografia de Ferreira contribui para que essa identidade seja propagada e vista como importante, como necessária dentro do cenário sócio-histórico, político e social do país, também ajuda na formação de uma memória necessária.

O fotógrafo fala sobre a integração da fotografia com a ação política, social e cultural. Além disso, para a recepção e o entendimento das fotografias de Ierê Ferreira é necessário que os sujeitos contemporâneos aprendam novos códigos para lê-la e, por consequência, ler a sociedade na qual estão inseridos.

A fotografia desse artista pode ser a possibilidade de mostrar o mundo esquecido e revelar a “verdade”. Essa sua atitude perpassa pelos deslocamentos desta capacidade de mostrar a “verdade”, de como isso foi e está sendo realizado na dimensão artística, que pode converter sua fotografia em uma autêntica e reveladora verdade. Tão verdadeira que pode alcançar a realidade interna, que está para além das aparências e dos códigos de representação, tanto de quem está sendo fotografado, como daquele que aprecia e lê a sua fotografia (MÜLLER, 2011).



A intenção do fotógrafo é mostrar o rosto, que um dia foi apagado do cenário, dentro de um processo de higienização que se estende até os dias de hoje. O negro ocupa nas fotos de Ferreira o lugar de destaque, deixa de ser mostrado como coadjuvante e subserviente e passa a personagem principal e importante dentro da construção da história do país.

“A juventude negra precisa olhar tudo o que já foi produzido e proposto, em termos de trabalho, para o desenvolvimento das questões do negro”, afirma Ierê Ferreira para Selma Almada (2011). O registro desse fotógrafo contribuirá, de maneira substancial para a produção de uma memória futura.

### **MEMÓRIA: COMO SE CONSTRÓI E QUAL A SUA IMPORTÂNCIA NA OBRA DE IERÊ FERREIRA**

Mesmo que a memória esteja ligada com um momento pretérito, Márcio Seligmann-Silva esclarece em uma entrevista concedida ao *Jornal Unicamp* que:

A memória tem a ver com o presente, embora sempre seja vista como coisa do passado. Ela é uma construção do presente, está sempre voltada para questões atuais. Se você silencia os discursos da memória, você está na realidade silenciando potenciais agentes de poder. O teatro da memória é eminentemente político (2004).

Ierê Ferreira não deixou de perceber esse discurso de poder e política da memória e mostra na sua fotografia que o seu trabalho, e, por conseguinte, as artes, não estão desligados de fatores políticos, que o sensibilizam e o faz mostrar aquilo que pretende.

No momento em que Ierê Ferreira apresenta os seus retratos como identidade fotográfica, corre o risco e assume uma posição estética, social e política, já que transita pela encruzilhada de vários problemas, sendo um deles, a memória.

As fotografias podem construir que tipo de memória, ou se constroem a partir de que tipo de memória? Estão inseridas em que tipo de registro de passado: o da memória individual, o da memória coletiva ou o da historiografia?

Sobre esse tema, Seligmann-Silva continua dizendo que não existe historiografia imune à questão aparentemente banal do ponto de vista. A historiografia trabalha em um campo tão infinito quanto o da memória, pois nunca haverá coincidência entre discurso e “fato”, uma vez que a nossa visão de mundo sempre determinará nossos discursos e a reconstrução da história. No caso dos afrodescendentes a memória nunca é puramente “individual”, sempre está inserida em um contexto coletivo.



As fotografias de Ferreira passam a serem vistas em uma constante de ir e vir que não podem ser percebidas somente de uma única perspectiva, seja ela ética, moral, social ou estética, mas o conjunto de todas essas abordagens. Os seus retratos e fotografias passam a ser um discurso aberto que pode ser analisado sob alguns aspectos, tais como: o indivíduo, o grupo, a sociedade e a representação.

Dentro do mundo contemporâneo, onde só é possível assimilar o que é vivido aqui e agora, onde o narcisismo, o egocentrismo, o isolamento, a individualidade imperam; as fotografias e os retratos de Ierê Ferreira se transformarão em um patrimônio cultural de peso, pois mostram e tratam de assuntos como: valores, crenças, saberes, práticas, costumes, modo de vida, ética, estética e visão de mundo de uma época e de um grupo (destratado e esquecido) que servirá à memória coletiva futura, lembradas por indivíduos enquanto membros do grupo. Como bem disse Tânia Müller:

[...] a fotografia é resultado de um olhar, de uma intenção do autor; um artefato social e, por isso, um documento histórico que permite recuperar a narrativa do cotidiano e a memória coletiva, [...] situo-a como um documento que perpetua a história de indivíduos e da sociedade. (2011, p. 47).

Uma memória coletiva de grande importância, que deve ser recomposta a partir das manifestações culturais africanas apagadas pela superposição da cultura europeia. Seu registro fotográfico não servirá para esconder um passado, mas sim, para dar clareza ao presente que será passado um dia, mas com uma identidade cultural solidificada, assim como o pássaro Sankofa, um dos símbolos adinkras (antiga escrita ideográfica do oeste africano) que olha para trás simbolizando a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro.

Na obra fotográfica de Ferreira, a memória deixa de ter o caráter individual, pessoal. As recordações apresentadas como apenas minhas deixam de ser lidas como: nada além de mim mesmo vejo nessas fotografias. Passam a representar e a serem lidas como uma coletividade a qual se pertence.

### **REPRESENTAÇÕES: ALGUMAS MULHERES NEGRAS FOTOGRAFADAS POR IERÊ FERREIRA**

Como pode a fotografia dar testemunho dela mesma? A fotografia é, por ser fotografia, testemunho de qual realidade?

Para que serve a fotografia? Essa pergunta percorre toda a obra de Ierê Ferreira, além de preencher lacunas e reativar a memória.



Ninguém pode fotografar um tema que não esteja dentro de si, os personagens ou as cenas escolhidas estão dentro do fotógrafo, no seu subconsciente. Tudo o que é fotografado é produto do que o fotógrafo é, do que ele quer, daquilo que ele acredita ou duvida.

Ierê Ferreira constrói uma estética fotográfica que leva os seus espectadores a perguntar e querer saber quem são as pessoas que estão naquela imagem retratada, tamanha plasticidade cunhada pelo artista no momento que fotografa. Ele não fabrica uma fotografia comercial, não é esse o seu interesse.

A sua estética parte de uma técnica de impressão, onde o movimento (ainda que seja nos retratos) faz parte do conjunto. Ferreira soma às expressões das imagens fotografadas a sua marca, não há como separar o fotógrafo de sua obra, que assume um cunho político e, portanto, pode-se fazer sozinha. Sua obra, consistente, já não depende do seu autor, sua fotografia cria um campo afetivo, cheio de significados que causam incômodos, por isso, arte.

Os retratos de Ierê não focam só os rostos de seus personagens, mas também toda a atmosfera e contexto que os envolve. Os seus leitores provocados, apreciam e entendem os seus retratos a partir de vivências próprias, garantindo a construção de uma identidade.

### *A religiosa: Mãe Beata de Yemonjá*



Mãe Beata de Yemonjá é uma dessas rainhas afro-brasileiras que ajuda a construir, a cada dia, a identidade cultural do seu “povo de santo” e de tantos outros afro-brasileiros, por meio da oralidade, da memória, do recontar o que lhe foi também passado por um dos seus ancestrais. Ela mesma se apresenta na introdução do seu livro *Caroço de Dendê*:

Minha mãe chama-se do Carmo, Maria do Carmo. Ela tinha muita vontade de ter uma filha. Um dia, ela engravidou. Acontece que, num desses dias, deu vontade nela de comer peixe de água doce.

**Foto 1.** Mãe Beata de Yemonjá. Foto de Ierê Ferreira – Lançamento do Livro: *Guerreira da natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. Coleção Sankofa. Kitabu Livraria Negra, 07 jul. 2009.

Minha mãe estava com fome e disse: “Já que não tem nada aqui, eu vou para o rio pescar.” Ela foi para o rio e, quando estava dentro d’água pescando, a bolsa estourou. Ela saiu correndo, me segurando, que eu já estava nascendo. E eu nasci numa encruzilhada. Tia Alafá, uma velha africana que era parteira do engenho, nos levou, minha mãe e eu, para a casa e disse que ela tinha visto que eu era filha de Exu e Yemanjá. Isso foi no dia 20 de janeiro de 1931. Assim foi meu nascimento. (2008, p. 11).

Os terreiros de candomblé guardam as histórias e os mitos sagrados do Panteão dos Orixás. Do espaço privado e íntimo dos terreiros os mitos são cultuados, recriados, recontados e chegam até o espaço público como alento, ensinamento e propagação.

As ialorixás, os babalorixás são uma espécie de “griots sagrados”, entorno deles convivem os seus “filhos de santo”, que estão ali para receberem os ensinamentos místicos referentes a esse espaço religioso, o candomblé, além de escutarem as histórias que serão recontadas várias vezes, dando continuação a essa memória coletiva ritualística que ajudará na formação da identidade cultural.

Gritot, Mãe Beata, defendendo e contando suas histórias na roda sagrada de dentro do terreiro, *gritot*, Ierê Ferreira, fotografando e juntando sonhos, fragmentos, tempos dentro do espaço da cultura. Ambos usando e “abusando” da memória que opera na esteira da imaginação para fundamentar a identidade cultural de gente de valor que não deve mais ficar atrás das sombras, porque sabem o que significa a prova da memória na presença viva de uma imagem das coisas passadas e o que significa partir em busca de uma lembrança perdida ou reencontrada que legitima o coletivo. (RICOUER, 2007, p. 105).

### **A compositora: dona Ivone Lara**

Conhecida como a grande dama do samba, dona Ivone Lara é um destaque dentro do cenário musical brasileiro. Cantora e compositora carioca, que acabou de cumprir 90 anos no último dia 13 de abril, escreveu o seu primeiro samba-enredo, *Os cinco bailes do Rio*, junto com Silas de Oliveira e Bacalhau, em 1965. Por causa desse samba, além de ter sido a primeira mulher a compor e ganhar um samba-enredo, passou a fazer parte da ala de compositores da Escola Império Serrano, passados alguns anos se tornou a madrinha

**Foto 2.** Dona Ivone Lara. Foto de Ierê Ferreira – Black2Black – Estação Leopoldina, agosto de 2009.







dessa mesma ala. Marcelo Moutinho (escritor, jornalista e imperiano), em entrevista para Francisco Bosco, na Rádio Batuta diz que: “Dona Ivone Lara foi uma mulher além do seu tempo e é dona de um canto como os das Iabás.”

Uma voz a serviço da resistência negra, Ivone Lara participava das *Noitadas de Samba*, projeto idealizado por Jorge Coutinho e Leonides Bayer, com o objetivo de levar para a zona sul carioca as vozes dos morros e dos subúrbios, o morro chega ao asfalto.

Esse projeto acontecia nas noites de segunda-feira, no Teatro Opinião, no início da década 1970, em pleno período da ditadura cívico-militar que se instaurara em vários países latino-americanos.

Ainda resistindo e fazendo parte dos movimentos juntos daqueles que queriam o processo de abertura para o país, dona Ivone Lara estava presente no Riocentro, na noite de 31 de abril de 1981, em comemoração ao Dia do Trabalhador. Diante de uma plateia lotada, ela estava ali, junto com tantos outros artistas, que lutavam com voz ativa, para cantar a liberdade e a volta da democracia. Embora a abertura já tivesse iniciado de maneira lenta, o Brasil ainda vivia o período ditatorial. Nesse dia, onde foram preparadas três bombas para serem detonadas em uma ação terrorista como justificativa para a tomada à repressão, dona Ivone Lara soltou sua voz de Iabá e cantou o seu samba, do disco, *Um Sorriso Negro* de 1981, que diz assim: “Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarzinho/ sempre fui obediente/ mas não pude resistir/ foi numa roda de samba/ que juntei-me aos bambas/ pra me distrai...” (NOGUEIRA, 2011).

Ney Lopes afirma que dona Ivone Lara é o exemplo do que é possível. Nascida num meio humilde, aluna de colégio interno e, no entanto está construindo uma obra permanente. Dona Ivone Lara é o Samba.

Ierê Ferreira, assim como dona Ivone Lara tem uma ligação muito forte com o samba, o samba é para os dois, o espaço onde a vida acontece. Ele é o idealizador do Projeto Samba Identidade Nossa, cujo objetivo é levar adiante a música, a cultura e a história de personagens singulares que não podem ser esquecidos, que são o baluarte de uma parte da cultura nacional.

### *A escritora: Conceição Evaristo.*



Foto 3. Conceição Evaristo. Foto de Ierê Ferreira - Lançamento do Livro: *Guerreira da natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. Coleção Sankofa. Kitabu Livraria Negra, 07 jul. 2009.

“Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe sua auto-inscrição no interior do mundo. A nossa “escrevidência” não pode ser lida como história para ninar os da casa grande e sim para acordá-los de seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2011).

Mineira, de Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo nasceu no dia 29 de novembro de 1946. Filha de dona Joana e do senhor Aníbal Vitorino, que era casado com sua mãe, mas não era seu pai biológico. Aos sete anos foi morar com os tios, Maria Filomena da Silva, irmã de sua mãe, e tio Totó, que nunca tiveram filhos. O tio era pedreiro e a tia lavadeira, como sua mãe. Aos oito anos começou a trabalhar como doméstica, serviço que consumiu muitos anos de sua vida.

Depois de completar os seus estudos em Belo Horizonte, Conceição Evaristo mudou-se para o Rio de Janeiro, prestou concurso público para ser professora, passou e se tornou professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Nos anos de 1980, a autora conheceu a série *Cadernos Negros*. Nessa década, que foi marcada pelos movimentos pela igualdade racial, a autora descobriu a escrita literária que a ajudou entender esse processo e tudo que tinha vivido na sua infância passou a ser tema da sua escrita, portanto, Conceição Evaristo escreve a partir de fatos acontecidos, usando a memória para acessá-los. O resgate de um tempo vivido por meio da memória, ou como afirmou Giraud (1997), nos seus estudos sobre a poética da memória: “não um retorno ocioso ao passado, nem tampouco constitui sentimentalismo folclórico; antes sua função conecta o passado à construção presente de um futuro comum”. (p. 51).

Assim, como nas fotos de Ierê Ferreira, a autora utiliza o recurso da memória como fonte de preservação de fatos vividos, de pessoas queridas, guardando a identidade de um grupo, que também é seu, para servir na construção do arquivo futuro que se faz no presente.

Portanto, as fotografias, os retratos e a estética propostas por Ierê Ferreira e a “escrevidência” de Conceição Evaristo auxiliam na construção de identidades, não mais silenciadas, mas daquelas conseguem livrar-se da mentalidade branca hegemônica. O que essas obras dizem é



que o branco já não é mais o centro, o personagem principal da história. Existem outras vozes que devem ser ouvidas, respeitadas e que representam a maioria da população de um país híbrido. Um “eu” que já não está mais separado de um “não eu” que nesse momento é um “nós” separado deles. Um “eu”, um “nós” que necessita ser construído e reconstruído mais uma vez.

*As atrizes: Ruth de Souza e Léa Garcia.*

*Ruth de Souza.*



**Foto 4.** Ruth de Souza. Foto de Ierê Ferreira. Lançamento do Livro: *Guerreira da natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente.* Coleção Sankofa. Kitabu Livraria Negra, 07 jul. 2009.

Ruth de Souza foi primeira atriz negra a se apresentar no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1945 com o *TEN - Teatro Experimental do Negro*, movimento importante na cena nacional, fundado em 1944 por um grupo de atores negros, entre eles Abdias do Nascimento e Haroldo Costa, cujo objetivo era conseguir espaço para os atores negros atuarem. Segundo a própria Ruth, “deu oportunidade para o negro mostrar que também podia ser ator, porque até então as companhias pintavam os atores brancos de negro”<sup>1</sup>.

A atriz também passou pelo grupo *Os Comediantes*. Seu primeiro trabalho no cinema se dá três anos depois, em 1948, no filme, *Terra Violenta*, e daí não pára mais até o final da década de 1970, passando por importantes companhias de cinema e outras produções independentes. Na década de 1980 em diante, diminuiu o ritmo de trabalho no cinema, intensificando sua atuação em novelas – marcou presença em várias, sendo a primeira, em 1965, *A Deusa Vencida*.

Consciente do seu importante papel como atriz, faz do seu ofício um sacerdócio e doa aos seus personagens o que tem dentro de si, dignidade, transparência e brilho. Dona de uma carreira muito importante, nunca hesitou, sempre quis fazer pequenos papéis destinados aos atores negros, deixando claro como seria sua forma de luta. A luta com a presença, com a marca própria.

Hoje, aos 90 anos de idade, Ruth já foi muito entrevistada, várias matérias sobre seu trabalho e sobre sua vida já foram escritas e podem ser encontradas muitas informações a seu respeito na internet. Em uma entrevista recente, concedida ao programa, *Quintal da Companhia*, Ruth de Souza fala sobre como começou a sua carreira de atriz, diz ela:

<sup>1</sup> Programa Quintal da Companhia. Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=CbW3xyKarJY>. Acesso: 30 maio 2011.



Eu tinha muita vontade de fazer teatro, queria ser atriz, apaixonada por cinema e encantada com todas as maravilhas que vinha de Hollywood, mas todo mundo ria de mim, imagina não tem atriz preta, não tem atriz negra e nessa época não tinha mesmo, nessa época só Grande Otelo que fazia teatro de revista.<sup>2</sup>

### Léa Garcia

A atriz Léa Garcia também fundou e fez parte do elenco do *TEN – Teatro Experimental do Negro* junto com Ruth de Souza, mas ficou mesmo famosa na dramaturgia nacional ao representar a vilã Rosa, personagem antagônico de Isaura, na novela *Escrava Isaura*, uma adaptação feita por Gilberto Braga do romance de Bernardo de Guimarães com o mesmo título.



Foto 5. Léa Garcia. Foto Ierê Ferreira. Exposição em homenagem aos 90 Abdias do Nascimento – PUC-Rio, jun. 2004.

Sua primeira atuação cinematográfica foi em 1959, com o personagem Serafina, no filme *Orfeu Negro* (roteiro baseado na obra *Orfeu da Conceição* de Vinícius de Moraes) produção ítalo-brasileira, dirigido por Marcel Camus. Em 2004, Léa Garcia recebeu, no Festival de Cinema de Gramada, o Kikito de melhor atriz por sua atuação no filme *Filhas do Vento*, dirigido por Joel Zito Araújo.

Léa Garcia atuou também como conselheira do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro no período de 1999 a 2001. Eleita em 2010, ela hoje é diretora artística do *Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Direções* (Sated).<sup>3</sup>

Essas duas atrizes, junto com outros artistas, abriram caminho para as novas gerações de artistas negros e são mais duas que contribuem para a formação da memória afro-brasileira e de sua identidade cultural. Ierê Ferreira, ao retratá-las, afirma seu comprometimento dentro dessa luta, dessa busca diária nesse processo de formação. A partir dessa luta e do seu trabalho, todos os personagens, aqui apresentados, juntos deixarão material e referências para que sejam lembrados como colaboradores da formação da identidade cultural afro-brasileira e que serão, no futuro, reivindicados como memória coletiva.

<sup>2</sup> Programa *Quintal da Companhia*. Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=CbW3xyKarJY>. Acesso: maio 2011.

<sup>3</sup> IPEAFRO. Disponível em: <http://www.ipeafro.org.br/home/br/personalidades/158/lea-garcia/>. Acesso: 31 maio 2011.



### A política: *Benedita da Silva*



**Foto 6.** Benedita da Silva. Foto de Ierê Ferreira - Negro em Cena - Marina da Glória, março de 2007, apreciando a fotografia emblemática da sua posse como Governadora do Estado do Rio de Janeiro durante a Exposição do fotógrafo Ierê Ferreira.

Benedita da Silva é carioca e viveu parte de sua vida no Morro do Chapéu Mangueira. Iniciou sua carreira política militando na Associação de Favelas do Rio de Janeiro até que em 1982 se elegeu vereadora.

Benedita da Silva foi escolhida para fazer parte deste trabalho monográfico por causa de uma fotografia, tirada por Ierê Ferreira, que entrou para história. Essa foto foi tomada nas escadarias do Palácio Guanabara, espaço até

então ocupado apenas por governantes brancos vindos de um estrato social alto, completamente diferente do dela.

Em 1998 foi eleita vice-governadora de Antony Garotinho, que renunciou ao cargo para disputar as eleições presidenciais em 2002. Com a renúncia do governador, Benedita da Silva assumiu o cargo e se tornou a primeira mulher negra a governar um estado brasileiro, mesmo que tenha sido por pouco tempo. Este fato é um marco na luta dos afrodescendentes, pois se tornou um momento único e passou a fazer parte de sua memória coletiva.

O caráter emblemático da fotografia faz com que se perceba como são importantes as lutas no âmbito político para a afirmação dos afrodescendentes, a fotografia nesse momento passa a ser engajada sem necessariamente ser panfletária, o interesse do fotógrafo, Ierê Ferreira, é fazer parte dos movimentos políticos que mostram as diferenças entre classe e raça, mas que ao mesmo tempo assinala o momento da virada. É como o grupo dissesse: também temos direito a essa fatia do bolo. Ele usa sua fotografia para provocar e obter um diálogo político impactante.

Aqui, as narrativas, presentes neste trabalho, convergem. Os olhares, as vozes dotadas de identidade se iluminam com a aura da conquista e passam a ser o momento simbólico da coroação. Para as protagonistas, o legado da vitória, ainda que tardia e tímida, acontece. A voz coletiva, por fim apaga o nome próprio, determinando o lugar que deve ocupar o “Povo Negro” dentro da história.



**Foto 7.** Famílias Silva e Pitanga. Foto Ierê Ferreira – Escadarias do Palácio Guanabara, 2002.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação de Paul Ricouer: “presença, ausência, anterioridade, representação formam assim a primeiríssima cadeia conceitual do discurso da memória” (2007, p. 241) cabe como síntese e conclusão do que foi exposto, ademais de acrescentar que as fotografias servem como ferramenta importante para atualizar a reflexão sobre temas atuais, para serem compreendidos em si mesmo e dentro do mundo.

A reflexão feita pela avó de Marcia Santacruz quando diz que: “para quem não sabe para onde vai qualquer caminho lhe serve. Mas aquele que não sabe de onde vem, não conseguirá a chegar a lugar nenhum” (SANTACRUZ, 2011) comunga, perfeitamente, com a afirmação de Ricouer e ajuda também na sedimentação dos conceitos apresentados neste estudo.

No mundo contemporâneo aparece com veemência problemas relacionados à identidade, diferença, multiculturalismo, exclusão social, minorias, tudo e todos que estão fora do discurso do poder e que reivindicam o lugar para alteridade, portanto o ato de fotografar de Ierê Ferreira além de mostrar, expor e trazer à superfície a subjetividade alheia e a sua própria, contribui para que essa reivindicação seja legitimada.

O fotógrafo tenta desaparecer da fotografia, mas não consegue, pelo simples fato de ser ele quem dá o tom, o enfoque, o foco e dispara o seu olhar de maneira objetiva e atinge o ponto desejado, o de construir uma possível memória futura e deixar um legado.

Ierê Ferreira, quando fotografa o coletivo presente no outro, faz uma fotografia de si mesmo, cumpre com todos os seus objetivos e se inscreve no espaço da formação da identidade cultural nacional, além de ratificar a ideia de que sua estética está ligada ao conteúdo e não meramente decorativa.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas; la modernidad y sus parias*. Trad. Pablo Hermida Lazcano. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. *Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros; como Ialorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos*. 2ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: *Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas volume 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- DA COSTA, Renata Jesus. Diálogos entre literatura e história: Conceição Evaristo e a obra Ponciá Vivêncio. In: *Revista Crhônidas*, Revista Eletrônica da Graduação e Pós-Graduação em História na UFG, ano II, n. 06, p. 30-47, abr. 2010. Disponível em: [www.revistachronidas.com.br](http://www.revistachronidas.com.br).
- DA COSTA E SILVA, René Marc. (Org.). *Cultura Popular e Educação*. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2008.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: *Revista Estudos Feministas*. UFSC, vol. 14, n. 01, p. 305-308, jan.-abr. 2006.
- DUBOIS, Philippe. *Ato fotográfico*. Campinas: Papyrus Editora, 1990.
- EVARISTO, Conceição. Apresentação. *Congresso de Escritoras Brasileiras em Nova York*. 16 out. 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=W2DgEX8fiHE>&feature=related. Acesso: 21 maio 2011.
- GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1997.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- JAMESON, Fredric. *Virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Trad. Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- JUNG, Ana Emília. Como a fotografia contemporânea pensa a memória. *Revista Crítica Cultural*, v. 4, n. 2, p. 205-214, dez. 2009.
- KRACAUER, Siegfried. *Ornamento da massa* Trad. Carlos Eduardo J. Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- MÜLLER, Tânia Mara Pedrosa. *Aparências enganam? Fotografia e pesquisa*. Petrópolis, DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2011.
- NOGUEIRA, Diego. *Entrevista Dona Ivone Lara*. Programa Samba na Gamboa. Disponível em: <http://www.dignow.org/post/noitada-de-samba-639692-98931.html>. Acesso: 26 maio 2011.
- RICOUER, Paul. *Memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTACRUZ, Marcia. *El asociacionismo negro en España*. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=EYO2CeVSCIQ&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=EYO2CeVSCIQ&feature=player_embedded). Acesso: 07 jun. 2011.



SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.) *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Entrevista realizada por Jorge Salgado, Director del Centro de Estudios Integrales de la Imagen A.C. In: *Revista Digital Universitaria*, vol. 5, n. 9, p. 10, oct. 2004.

SILVA, Luiz. *O Leitor e o Texto Afro-brasileiro*. Disponível em: <http://www.cuti.com.br/ensaios3.htm>. Acesso: 23 maio 2011.

SONTAG, Susan. *Sobre la fotografia*. Trad. Carlos Gardini. México: Santillana Ediciones Generales, 2006

## VÍDEOS

Documentário "As Divas Negras do Cinema Brasileiro" produzido pela Enugbarijô Comunicações em 1989.

Disponível em [http://www.youtube.com/watch?v=x9Y\\_mNH5nCY&NR=1](http://www.youtube.com/watch?v=x9Y_mNH5nCY&NR=1)

Conceição Evaristo. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=W2DgEX8fIHE&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=s7FLzbEa5hk&feature=related>

Programa Espelho – Ierê Ferreira. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Rpsr13mr7Is>

<http://www.youtube.com/watch?v=BDTn8Cvr4FI>

<http://www.youtube.com/watch?v=BDTn8Cvr4FI>

Programa Quintal da Companhia. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=CbW3xyKarJY>

Reivindicando la herencia Africana. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=6K2KYBsH9tQ&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=6K2KYBsH9tQ&feature=player_embedded).

Rádio Batuta. Disponível em: <http://ims.uol.com.br/Home-Radio-Batuta-Especial-Imperio-Serrano/D640>.